MÓDULO 4

ENSINAR HISTÓRIA POR PROJETOS DE TRABALHO.

"Não se faz projeto se não pensarmos no futuro... mas também se pode afirmar que o futuro não existe – ou não existirá - sem nossos projetos" (Machado, 2000)

Introdução

Durante muito tempo era recorrente, nos anos iniciais do ensino fundamental brasileiro, a crença de muitos e o questionamento de alguns se era possível "ensinar História e Geografia" aos alunos ainda não alfabetizados. Essa questão ainda é presente nas representações e práticas de muitos educadores. De forma diversa, com argumentos diferentes, em algumas escolas, educadores questionam se devem ou não ensinar História antes de os alunos aprenderem a ler e escrever. Algumas gestoras, pedagogas, coordenadoras educacionais recomendam, explicitamente, (um claro resquício dos anos 1970) no planejamento escolar, o ensino de História após meses de trabalho com a Língua Portuguesa.

Tenho respondido à pergunta de muitos professores: se é possível ensinar História sem antes alfabetizar (leitura e escrita), com outra pergunta, similar àquela feita por Castrogiovani (1998) em um texto inspirador, intitulado "*É possível alfabetizar sem os "Estudos Sociais*"?. Passei a responder, questionando: "*É possível alfabetizar sem História*"? *Como ensinar História alfabetizando crianças, jovens e adultos?* (Fonseca, 2009). É possível, sim, alfabetizar ensinando História.

Em diferentes realidades há registros de experiências que sugerem caminhos de construção de práticas interdisciplinares em nossas escolas que favorecem, potencializam o trabalho com o ensino e a aprendizagem da História, interpenetrado, articulado ao processo de alfabetização e letramento. Inúmeras estratégias, experiências educativas têm sido divulgadas apresentando resultados exitosos, como os projetos de trabalho (Hernández e Ventura, 1998; Fonseca, 2003;) integrando diversas áreas do saber, utilizando-se de diversas fontes e linguagens no processo de ensino.

Uma das possibilidades metodológicas mais utilizadas para se ensinar História, alfabetizando os alunos, é por meio de projetos de ensino. Quando falamos em projetos de trabalho na prática pedagógica, de modo particular na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, algumas questões vêm à nossa mente: modismo? Inovação? Salvação para os problemas do ensino? Atraente? A organização do processo de ensino por meio de projetos não é panaceia, nem uma tábua de salvação para os problemas. Muito menos, modismo. A meu ver, é algo concreto, complexo e desafiador. Convidamos você a pensar sobre o tema. É desafiador como toda experiência pedagógica aberta e plural. Leva-nos a enfrentar superar desafios, barreiras e fronteiras tradicionalmente edificadas. Vamos lá?

OBJETIVO ESPECÍFICO:

Refletir sobre os significados teóricos e pedagógicos de organização do ensino de História por meio de projetos de trabalho no processo de alfabetização integral das crianças.

4.1. O que entendemos por Projetos de ensino

Reflita e escreva sobre as vantagens do uso da *Internet* para o ensino de História e também sobre os cuidados que requer dos professores.

Vamos começar pela palavra. As palavras nos dizem muitas coisas e também fazem coisas conosco. Concorda. De acordo com a etimologia, a palavra projeto, deriva do latim projectus, particípio passado de projícere e que significa "lançar para frente", "arremessar algo". Segundo Barbier, "o projeto não é uma representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma ideia; é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma ideia a transformar em ato" (1994, p. 52). Nesse sentido, presente, passado e futuro são redimensionados. Para Machado, poderíamos simplificar a ideia da seguinte forma: "não se faz projeto se não pensarmos no futuro... mas também se pode afirmar que o futuro não existe – ou não existirá sem nossos projetos" (2000, p. 6). Não sem motivo, essa frase tornou-se epigrafe do texto. Presente, passado e futuro se mesclam na definição de um projeto, no ato de planejar.

Ensinar História por meio de Projetos, a nosso ver, parte de duas premissas básicas: primeiro, a concepção de projeto pedagógico como um trabalho intencional, compreendido e desejado pelo aluno e, em segundo lugar, o entendimento de que todo projeto visa a realização de uma produção, sendo o conjunto de tarefas necessárias à sua concretização empreendidas pelos alunos sob a orientação do professor. Assim, tempo, espaço, sujeitos, relações são elementos centrais na discussão e formulação de projetos pedagógicos.

Para Romano,

> *o trabalho com projetos busca desenvolver nos alunos a idéia de um conhecimento integrado, partindo de um problema a ser investigado, com um contexto a ser estudado. Desta maneira os conteúdos não são aprendidos de forma linear, hierárquica, mas são construídos como uma rede de relações. O conhecimento, assim não é algo estático, pronto e acabado, mas supõe um dinamismo, um ir e vir, onde respostas sugerem outras perguntas, não havendo na maioria das vezes, uma única resposta ou um único ponto de vista... No trabalho com projetos, aprender a fazer perguntas é tão importante quanto dar respostas. (p.20, 2007).*

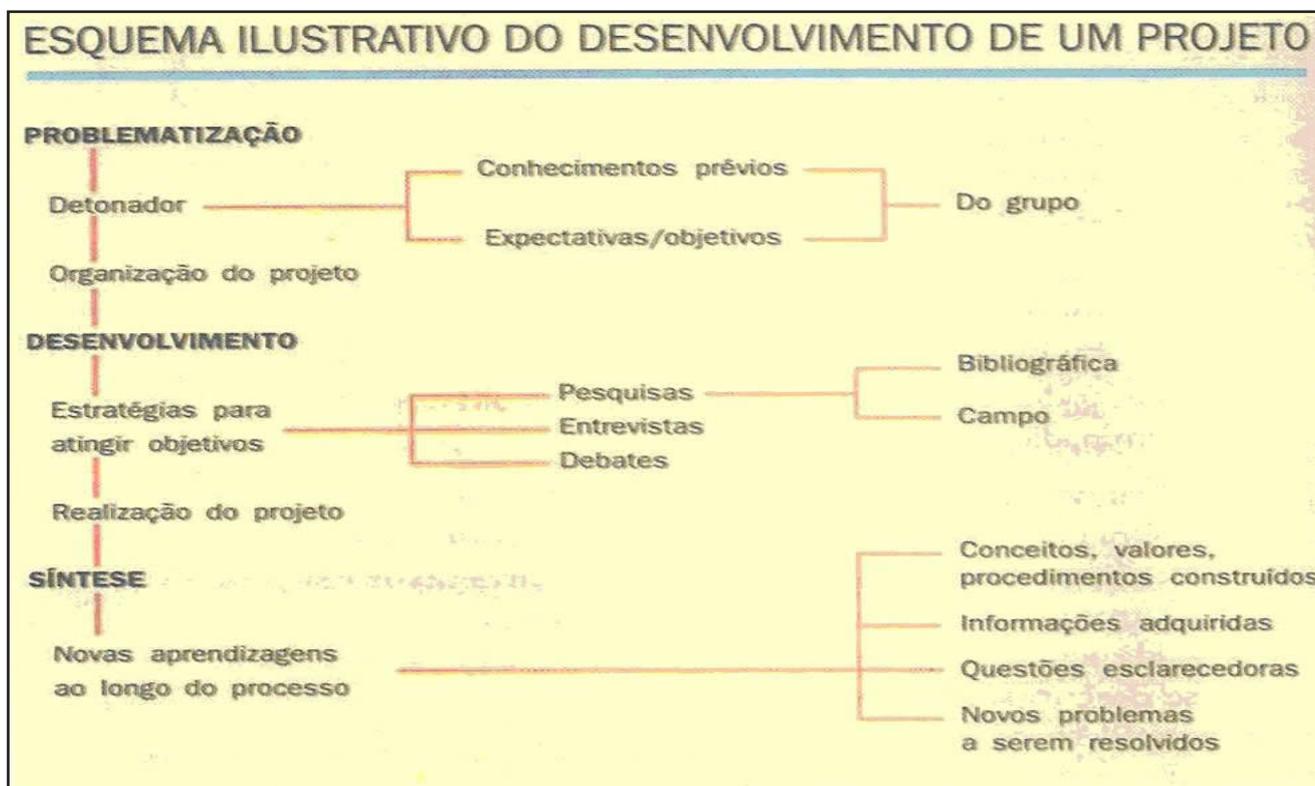
Atividade Complementar

Elabore três perguntas sobre projetos de ensino. Não precisa respondê-las nesse momento. Tente respondê-las ao final do estudo.

4.2. Como desenvolver projetos de ensino

O desenvolvimento de um projeto, em linhas gerais, é composto de três grandes etapas ou fases: primeiro, a problematização, a identificação e a formulação do problema, o planejamento, as discussões, a elaboração do projeto, a formação de grupos. A segunda etapa é a da construção, o desenvolvimento do trabalho, são as atividades, as aulas, a discussão dos resultados e a terceira fase é o momento da síntese, da apresentação dos resultados, da globalização, da socialização dos saberes produzidos, da avaliação final do projeto como um todo.

Atividade Complementar

Observe a imagem a seguir, leia com atenção

Fonte: ALVAREZ LEITE, L.H. Pedagogia de Projetos, intervenção no presente. *Presença Pedagógica.* Belo Horizonte: Dimensão, 1996. p. 30

Como você percebeu um dos elementos fundamentais na definição de um projeto é a problematização. Quando o tema apresentado, por razões diversas, é suficientemente significativo para os alunos, ou seja, quando apresenta uma real necessidade do grupo de estar investigando, desenvolvendo determinado tema, a problematização se dá de forma mais rica e consistente. Assim, é interessante que o professor proceda a um trabalho prévio de significação do tema, antes mesmo de problematizá-lo com os alunos. As formas e níveis de desenvolvimento desse trabalho vão depender do modo como o tema se constituiu. A problematização não está estanque, congelada nessa primeira fase, pois ocorre durante todo o processo; é o momento em que os alunos manifestam seus conhecimentos, vivências, expectativas e anseios. Por isso, é necessário que o professor tenha um relativo domínio do tema antes de problematizá-lo com os alunos, condição essencial ao seu papel de agente mediador e incentivador de todo o processo.

As expectativas de aprendizagem ocupam lugar importante nesse processo. São apresentadas pelos alunos e professores. Muitos relatos de experiência revelam que as expectativas, em geral, extrapolam o conhecimento prévio do professor ou o material didático, as fontes que ele tem em mãos ou de mais fácil acesso. Dessa forma, o processo de aprendizagem e de construção do saber, de fato, é uma ação coletiva, envolvendo professor e alunos em sua construção, a fim de buscar respostas e superar as limitações iniciais.

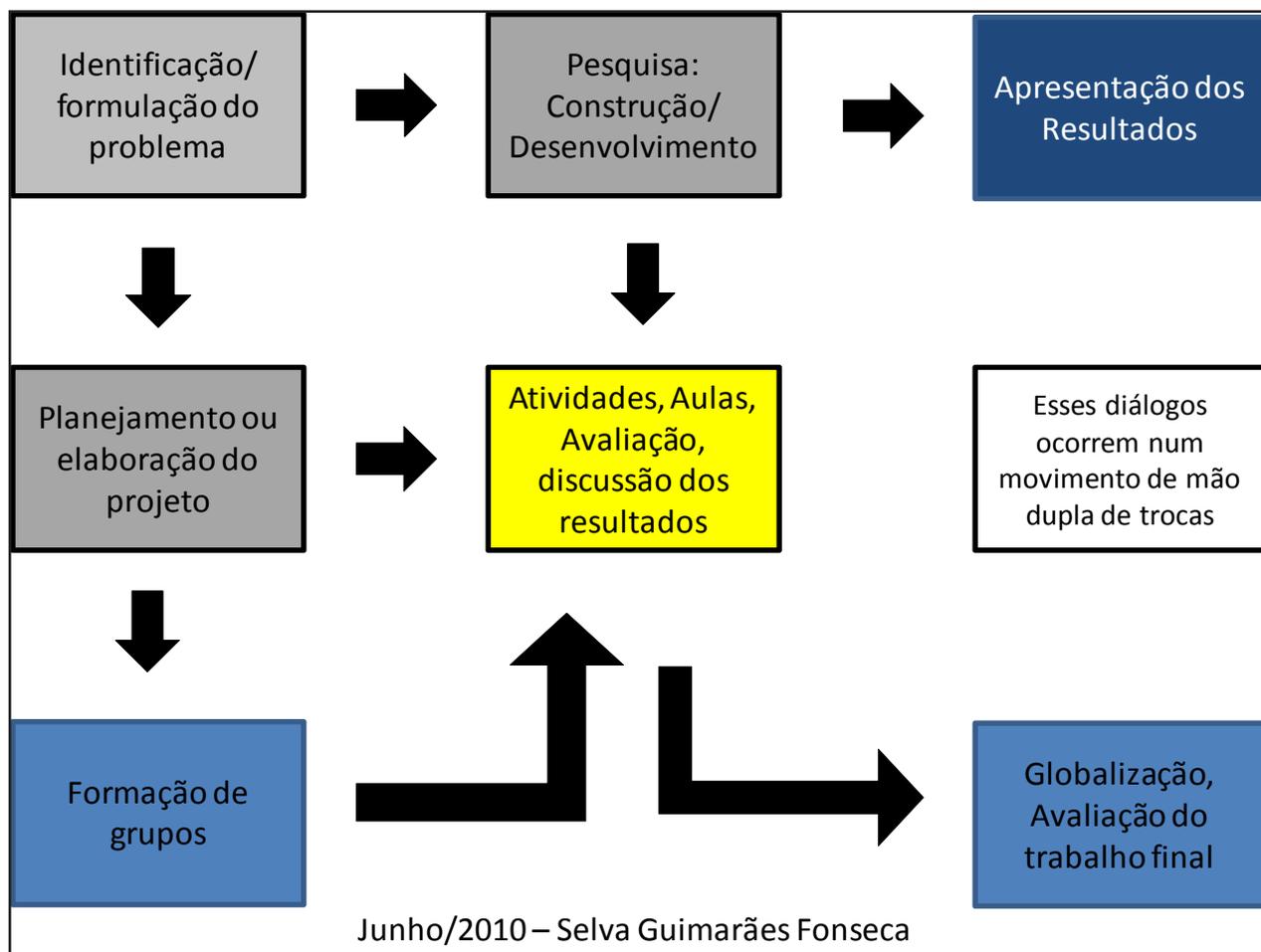
As expectativas de aprendizagem estão relacionadas aos objetivos, ao nosso propósito, àquilo que queremos com o estudo do tema, o que pretendemos ao estudar, para que, qual será o nosso ponto de chegada. Se o tema proposto para o desenvolvimento do projeto já era ou se tornou suficientemente significativo para os alunos, ele já tem em mente o que desejam alcançar.

Os professores podem apresentar objetivos que não são, necessariamente, os mesmos dos alunos, frente ao desenvolvimento do Projeto. O professor, como mediador, orientador e incentivador do processo, deve somar, articular, suas expectativas às dos alunos à medida que trabalha em direção à meta que a turma deseja alcançar. Os alunos devem ter clareza quanto ao ponto de partida.

Como já vimos, o aluno é um ser social completo, não é uma *tábula* rasa. Ele não apenas estuda e aprende, mas faz história, participa da história, tem concepções prévias sobre os acontecimentos históricos. Tem vida própria fora da escola, participa de outras organizações além da escolar com as quais convive e aprende, ou seja, possui conhecimentos prévios, e esse saber já construído deve ser o início do caminho a percorrer. Isso é óbvio, no entanto, nem sempre os alunos têm tempo e espaço para manifestar esse saber, que deve ser organizado e listado pelo professor, com a preocupação de manter o registro fiel da fala dos alunos para posterior análise e interpretação no grupo. Assim, os alunos trazem expectativas de aprendizagem frente às hipóteses construídas. Cabe ao professor possibilitar a manifestação dos interesses, curiosidades e anseios com relação à questão proposta, assim como em relação aos procedimentos e atividades para sua realização.

As questões levantadas na problematização devem ser posteriormente analisadas e interpretadas pelo professor como um material básico, direcionador para o desenvolvimento do projeto. Serão igualmente considerados os conhecimentos prévios, anteriormente construídos pelos alunos e suas expectativas de aprendizagem que constituem uma base para orientar o trabalhado do professor.

Atividade Complementar

A seguir, apresentamos outra imagem representando momentos/elementos de um projeto. Leia e compare com a Figura anterior.

Na sequência, outra questão se impõe ao professor: quais os conteúdos curriculares? Como serão tratados esses conteúdos? Essas têm sido questões de grandes dificuldades na prática cotidiana escolar, além de ser o pronto nevrálgico das críticas à pedagogia de projetos. Por quê? Nos últimos anos, houve uma mudança significativa na forma de se abordar os conteúdos curriculares. O paradigma dominante já não mais se sustenta. As disciplinas deixaram de ser tratadas como territórios isolados, conhecimentos estanques, com fim em si mesmas e ficaram a serviço das questões históricas propostas por alunos e professores, contextualizadas, configuradas em grandes temas que podem ser trabalhados em forma de projetos, objetivando buscar respostas aos problemas levantados.

Isso não quer dizer que as disciplinas curriculares, como construções históricas, perderam sua força e devam ser desprezadas, mas sim, repensadas. Seus conteúdos, necessariamente, são contemplados na sistematização do trabalho escolar. No entanto, só serão significativos se estiverem a serviço de uma aprendizagem real, constituindo-se instrumentos que permitam a solução de problemas emanados da realidade, facilitando a compreensão e a atuação do educando sobre essa realidade.

Os temas devem ser selecionados e didaticamente divididos por áreas, campos, tendo em vista o delineamento da abrangência do Projeto. É importante que sejam levantados e mapeados os temas - não só em História, mas nas outras disciplinas - necessárias e significativas para o desenvolvimento do projeto. Um projeto não tem, necessariamente, que abranger todas as disciplinas/áreas, podendo tornar-se uma possibilidade/meio para se atingir qualquer temática em suas várias dimensões.

Ao definir as temáticas, conceitos, precisamos considerar a proposta curricular, o nível dos saberes cognitivos dos alunos, para que se possa referenciar em que níveis de abrangência os conteúdos serão abordados. Isso não quer dizer que, necessariamente, o professor estará preso à tradicional concepção de seriação e sequenciação dos conteúdos disciplinares. O que o trabalho pedagógico com projetos visa é uma articulação dos diferentes saberes ao movimento/contexto vivido, tendo em vista os níveis de abrangência que esses conteúdos poderão ser enfocados. Se com maior ou menor profundidade, se com maior ou menor sistematização.

Assim, além dos saberes disciplinares, é preciso considerar as questões e problemas contemporâneos vividos pela sociedade, como objeto de conhecimento. Questões emergentes no social, nas diferentes realidades, os chamados temas transversais, os saberes produzidos nos diferentes espaços de socialização, como, por exemplo, na mídia, na rua, nas práticas culturais e religiosas, no cotidiano podem constituir-se objetos de investigação.

A construção da aprendizagem permeia todo o desenrolar do projeto. A nosso ver devem ser usadas várias estratégias necessárias para atingir os objetivos propostos: aulas expositivas, debates, leituras, vídeos, pesquisas, entrevistas e outras. O conhecimento construído vai sendo sistematizado no decorrer das ações, assim como as habilidades vão sendo desenvolvidas. As crenças, os valores e as representações vão sendo ressignificados. Da mesma forma como o aluno participou da organização inicial do projeto, também deve participar efetivamente em todos os momentos até a avaliação. Desse modo, o campo para o desenvolvimento do projeto se estende, torna-se amplo e bem complexo. Novas questões podem surgir, necessitando de incorporação ou indicando uma retomada de caminhos. Assim sendo, fica inviável uma organização prévia muito rígida do trabalho a ser desenvolvido, mas é essencial que o professor trace as linhas gerais do seu trabalho como eixo norteador, como forma de se organizar, tendo em vista os objetivos propostos e as possibilidades de novos acontecimentos.

Sugerimos que o professor considere no desenvolvimento do projeto (Fonseca, 2003):

a) Linha de desenvolvimento

b) Níveis de Abrangência

c) O papel ativo dos Alunos no desenvolvimento do Projeto

d) Tempo para a realização do Projeto

A previsão e equacionamento do tempo, nas tarefas a realizar, devem sofrer a ação mediadora do professor, considerando as responsabilidades assumidas pela turma e os momentos específicos de desenvolvimento do projeto. O nível da turma e a abrangência do projeto deverão ser considerados na definição do cronograma. O tempo gasto para a realização do projeto se relaciona diretamente aos objetivos propostos, no entanto, não deve ser muito longo, pois pode causar desinteresse a todos.
Certas questões, nascidas com o desenvolvimento do projeto, se firmam pela intensa manifestação de interesse dos alunos ou pelas possibilidades que apresentam para a realização de outros trabalhos.
Tais questões não devem se arrastar demasiadamente, fugindo dos objetivos a que se propõem no momento. Devem ser aproveitadas para a organização de novos projetos.

e) Recursos Humanos e Materiais

Prever a necessidade de recursos humanos e materiais, organizar o trabalho, encaminhar o estudo e a investigação, enriquecendo o projeto na sua totalidade.

f) Avaliação

A avaliação em um projeto de trabalho não possui caráter de classificação. Já não cabe mais avaliar para excluir, sentenciar, aprovar ou reprovar. A avaliação deixa de ser classificatória e passa a ser diagnóstica e processual. Avaliam-se tanto o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno quanto as intervenções do professor, o projeto curricular da escola e todos os outros aspectos inseridos no processo educativo. O aluno e o cognitivo deixam de ser os únicos avaliados. Durante todo o processo, avalia-se para identificar os problemas e avanços e redimensionar a ação educativa, considerando-se todos os aspectos nele inseridos. Na organização do projeto, o professor deve prever alguns momentos e instrumentos específicos de avaliação, tendo em vista o trabalho a ser desenvolvido, conservando-se atento para a necessidade de outros avaliativos que certamente ocorrerão em relação aos objetivos estabelecidos do processo. Ao concluir um projeto de trabalho, o professor deve organizar momentos específicos de avaliação do processo vivido, retornando ao ponto de partida, às questões que o originaram. As expectativas de aprendizagem levantadas na problematização devem direcionar a ação avaliativa com toda a turma, para posicionamento em relação aos conhecimentos construídos. Essa avaliação, embora final de um processo, também é diagnóstica, pois pode indicar outros caminhos a

serem percorridos. É importante ainda ressaltar que no estabelecimento de elos com os instrumentos de avaliação da escola tradicional, os mesmos não foram invalidados. Provas, exercícios, trabalhos e outros podem e devem continuar. O que muda substancialmente é a concepção de Avaliação.

O trabalho por projetos constitui um uma possibilidade metodológica que potencializa o desenvolvimento de estudos e pesquisas numa perspectiva inter e multidisciplinar, capaz de redimensionar a gestão do processo de ensino e ressignificar a concepção de aprendizagem em História.

Atividade Complementar

Releia, reflita. Faça uma síntese das principais características abordadas pelo texto.

4.3. Relato de experiência

No nosso trabalho com formação inicial e contínua de professores, nas áreas de História e Geografia, esta tem sido uma das questões mais recorrentes: como trabalhar temas sociais nos primeiros anos de escolaridade? A pergunta é: se é possível, como desenvolvê-los? Pesquisas recentes sustentam que é possível sim, de acordo com uma abordagem global das noções de tempo e espaço que deve fundamentar o estudo de História/Geografia na educação infantil. (Fonseca, 2003).

Temas sociais podem ser abordados de forma criativa e indisciplinar, a partir dos relatos individuais e das vivências do grupo no seu meio social próximo. É necessário, sempre, não perder de vista a especificidade e ao mesmo tempo a universalidade de muitos dos problemas vividos por nós, evitando o “romantismo” e também o “simplismo” da abordagem. Apresentaremos, a seguir, uma experiência aparentemente muito simples, desenvolvida por nós, nos anos 1990, publicada, originalmente, pela Revista Presença Pedagógica e, posteriormente, em livro.

Como abordamos no Módulo III, uma das estratégias mais interessantes é desenvolvida por meio de canções e da literatura infantil. Várias obras enfocam problemas sociais, assim como várias canções do universo infantil permitem ricas análises. Devemos ser cuidadosos para respeitar os limites da literatura e das canções que, como obras de ficção, se afastam da realidade, enquanto a História e a Geografia têm como objeto de estudo a própria realidade dos homens em diferentes tempos e espaços. É deixar aflorar as contradições, identificá-las e compreendê-las, com criatividade, livre de preconceitos e estereótipos.

Atividade Complementar

Visualize as imagens, leia a atividade realizada a seguir e recrie-a, como se fosse para seus alunos.

FIGURA 43: Moradia

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kremli%C4%8Dkova_str,_Prague_Kr%C4%8D.jpg

FIGURA 44: Moradia

Fonte: http://recursostic.educacion.es/bancoimagenes/web/

FIGURA 45: Moradia

Fonte: http://recursostic.educacion.es/bancoimagenes/web/

FIGURA 46: Moradia

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fort_Lawton_-_Navy_housing_01.jpg

Tema: Moradia

Séries/anos: Educação Infantil e séries/anos iniciais do Ensino Fundamental

Objetivos:

- Possibilitar a identificação de diferentes tipos de moradia existentes no meio social.
- Discutir a necessidade da moradia e as dificuldades dos brasileiros em conseguir moradias dignas, bem como as formas cooperativas que podem facilitar esse processo.

Problematização:

- Problematizar o tema. Levantar perguntas. Motivar o grupo. Levantar as expectativas de

aprendizagem. Recolher materiais.

- Conversar com os alunos sobre o tema e motivá-los, ouvindo a canção "A casa" de Vinícius de Moraes, interpretada pelo Conjunto Boca Livre, no CD "Arca-de-Noé.

A Casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Não se podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede

Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos bobos
Número zero.

- Ouvir novamente, cantar com eles e interpretar oralmente a canção, por exemplo, com as questões: Como era a casa? Por que era tão engraçada? Vocês conhecem alguma casa assim? Por que ninguém podia morar na casa? Onde fica a casa imaginária de que fala a canção? Vocês conhecem essa rua? Essa casa existe? É possível viver nessa casa?

Desenvolvimento:

- Agora vamos comparar a casa imaginária da canção com a sua, com a casa onde você mora atualmente. Vamos fazer um desenho e depois cada um vai contar como é a sua casa e o endereço de cada um. Identificar e discutir os diferentes lugares (rua, bairro, fazenda) onde habitam.

- Bom, vimos que vocês moram em diferentes tipos de casas. Algumas são próprias, outras alugadas, outras financiadas e há outros tipos ainda, algumas que vocês conhecem e outras não.

- Apresentar fotografias, gravuras e painéis com diferentes tipos de moradias e de formas.

Mas nem todos têm moradia. Vamos ouvir esta história da literatura infantil e a partir dela pensar sobre como podemos:

- Ler aos alunos a história: "Quem casa quer casa" de Roberto Duarte e Ana Raquel, da Editora Lê (1985). Contar apresentando as ilustrações do livro ou através das reproduções em cartazes. Muitas outras histórias abordam a temática, como, por exemplo: "Todo mundo tem casa" de Ana Claudia Ramos e Ana Raquel, da Editora Formato, 2000.

- Interpretar a história com os alunos, por exemplo, com as questões: Como se chama a história? Por que eles dizem "Quem casa quer casa"? O que é necessário para se construir uma casa? Quais são as etapas da construção de uma casa? Quais são os bichos arquitetos? O que faz o arquiteto? O que é uma planta? Por que é importante uma planta? O que os personagens fizeram para conseguir construir a casa? O que vocês acham que podemos fazer, no Brasil, para conseguir moradias para as pessoas que não têm dinheiro?

Síntese

- Depois da discussão, podem ser feitos um mural com desenhos e pinturas e uma dramatização. Dependendo do desenvolvimento da turma, podem ser construídas frases ou redações com as conclusões do trabalho.

Considerações finais

Ensinar História por meio de projetos exige outra relação professor-aluno-conhecimento. Questões significativas para a turma poderão nortear a organização do trabalho de projeto. As experiências nos mostram que os grupos apresentam grande número de sugestões que poderão ser aproveitadas em diferentes disciplinas, áreas ou projetos. Cabe aos professores selecionar e dosar as atividades no tempo para que não haja dispersão (temática, documental, pedagógica). Os alunos são sujeitos do saber, construtores do projeto, pois as questões são definidas coletivamente pela turma. As atividades priorizadas e selecionadas devem ser criativas, possibilitando a investigação, o debate e a produção de conhecimentos no decorrer de todo o projeto. Ao final do trabalho, é necessária uma avaliação coletiva do projeto, por professores e alunos, que deve ser registrada e arquivada na escola, visando subsidiar futuras iniciativas. Entendemos que, por meio de trabalhos, é possível dar um passo importante na busca de práticas interdisciplinares, sempre com o objetivo de incorporar os temas transversais (ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural) e os problemas vivenciados no cotidiano do processo educativo realizado em nossas escolas. Por meio de projetos é possível ensinar história alfabetizando e alfabetizar ensinando e aprendendo História.

Módulo 4

BARBIER, J. M. *Elaboração de projetos de acção e planificação.* Porto: Porto Editora, 1993.

FONSECA, Selva Guimarães. Temas Sociais Na Escola Infantil: O Caso da Moradia. *Presença Pedagógica.* Belo Horizonte - MG, v. 259, n. 259, p. 36-37, 1996.

__________. *Didática e prática de ensino de História.* Campinas: Papirus, 2003.

__________. *Fazer e ensinar História.* Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

__________. É possível alfabetizar sem a História? Ou ... como ensinar História alfabetizando. In: Fonseca, Selva G.. (Org.). *Ensino Fundamental conteúdos, metodologias e práticas.* 1 ed. Campinas: Atomo & Alínea/Fapemig, 2009, v. 1, p. 241-266.

HERNÁNDES, F. VENTURA, M. *A organização do Currículo por projetos de Trabalho.* Porto Alegre: Artmed, 1998.

MACHADO, N. J. *Educação: projetos e valores.* São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

ROMANO, Eliane P. *O trabalho com projetos: significados e práticas.* Campinas: Komedi, 2007.

VEIGA, Ilma P. A. & RESENDE, L. M. G (Orgs.) *Escola: espaço de projeto político pedagógico.* Campinas: Papirus, 1998.

Figuras

FIGURA 43: Moradia

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kremli%C4%8Dkova_str,_Prague_Kr%C4%8D.jpg

FIGURA 44: Moradia

Fonte: http://recursostic.educacion.es/bancoimagenes/web/

FIGURA 45: Moradia

Fonte: http://recursostic.educacion.es/bancoimagenes/web/

FIGURA 46: Moradia

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fort_Lawton_-_Navy_housing_01.jpg